

Um pequeno olhar sobre a crítica de José Rodrigues de Paiva: sobre diálogos e permanências

Álison Alves da Hora¹

Resumo: Este ensaio se propõe a analisar os caminhos críticos do Professor José Rodrigues de Paiva acerca da obra romanesca de Vergílio Ferreira, sobretudo em seu livro *Vergílio Ferreira: Para Sempre, romance síntese e última fronteira de um território ficcional* (2007). José Rodrigues realça sempre seu trabalho de interpretação, rechaçando uma abordagem conservadora para poder alcançar a multiplicidade de significados lançada por Vergílio Ferreira, notadamente seu trabalho com a linguagem e suas constantes reflexões sobre a existência e de como a Arte é coparticipante.

Palavras-chave: Crítica literária. Hermenêutica. Vergílio Ferreira. Literatura portuguesa.

Abstract: This essay aims to analyze the critical paths of Professor José Rodrigues de Paiva about the novelistic work of Vergílio Ferreira, especially in his book *Vergílio Ferreira: Para Sempre, romance síntese e última fronteira de um território ficcional* (2007). José Rodrigues always enhances your interpretation work, rejecting a conservative approach in order to achieve the multiplicity of meanings launched by Vergílio Ferreira, notably his work with language and his constant reflections on existence and how art is co-participant.

Keywords: Literary criticism. Hermeneutics. Vergílio Ferreira. Portuguese literature.

Resumen: Con este ensayo, se propone analizar los caminos críticos del Profesor José Rodrigues de Paiva acerca de la obra romanesca de Vergílio Ferreira, sobretudo en su libro *Vergílio Ferreira: Para Sempre, romance síntese e última fronteira de um território ficcional* (2007). José Rodrigues señala siempre su trabajo de interpretación, rechazando un abordaje conservador para poder alcanzar la multiplicidad de significados lanzada por Vergílio Ferreira, especialmente su trabajo con el lenguaje en sus constantes reflexiones sobre la existencia y de cómo el Arte es copartícipe.

Palabras-clave: Crítica literaria. Hermenéutica. Vergílio Ferreira. Literatura portuguesa.

¹ Doutorando em Teoria da Literatura do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (PPGL/UFPE), Bolsista de Doutorado da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE), é Professor Substituto do Departamento de Letras – Português/EaD da Universidade Federal de Pernambuco.

Prólogo

Uma vez que os estudos acerca da obra de Vergílio Ferreira nas universidades brasileiras foram tocados ainda pelo afã estruturalista então dominante nos fins dos anos de 1970 e início dos anos de 1980, quando José Rodrigues de Paiva publica sua dissertação de mestrado em 1984, em edição da Encontro e do Gabinete Português de Leitura, parece demarcar um limite para quem se debruçava na análise crítica do romancista lusitano. Depois de mais de vinte anos ele mesmo ultrapassa tal limite, com sua tese de doutorado, propondo o conceito dentro da obra vergiliana do *romance-síntese* que, ao seu ver estabelece a *última fronteira de um território ficcional*.

A divulgação dos livros de Vergílio Ferreira em território brasileiro sofre — ainda — de uma precariedade causada primeiramente pelo veto de sua casa editora em Portugal dificultar a distribuição por questões de exclusividade dos direitos de o fazê-lo em língua portuguesa e também pelo fato de ocorrer um reducionismo flagrante de sua obra, considerada por alguns datada e presa tão somente ao momento histórico no qual o Existencialismo (notadamente o sartreano ou o concebido por Merleau-Ponty) supostamente esteve em voga. Logo, e também por conta das análises feitas por estudiosos brasileiros, que levaram em conta tão somente os aspectos de que Vergílio Ferreira se mostrava como um mero cultivador das ideias existencialistas, sem se ater ao quanto ele foi crítico e desenvolveu uma concepção singular de como elaborar seu território ficcional, somado ao fato da dificuldade da importação de seus títulos, fez com que o autor ainda seja pouco conhecido no Brasil, restrito à

Academia e ainda assim muito deficientemente devido à rigidez dos currículos que acaba promovendo certo desinteresse por um espaço temporal dentro da literatura portuguesa do Século XX na qual não estejam presentes Fernando Pessoa nem José Saramago.

Daí a importância de *Vergílio Ferreira: Para Sempre, romance síntese e última fronteira de um território ficcional*. Publicado em 2007, além de se constituir num robusto trabalho de *interpretação* de todos os romances vergilianos após sua crítica e conseqüente “desfiliação” do Neorrealismo português, é também um importante meio de divulgação, ainda que dentro do ambiente universitário, de facetas do romance português ainda pouco explorados pelos discentes de Letras. Atendo-se não somente à crítica dos romances, mas também se debruçando em um repensar toda de toda a fortuna crítica sobre Vergílio Ferreira escrita até então, José Rodrigues de Paiva faz muito mais do que apontar uma linha demarcatória que, em tese, poderia exercer uma pressão intimidadora àqueles que viessem depois dele aventurar-se a estudar os aspectos de um autor difícil de uma obra igualmente reconhecida como difícil: aponta novos caminhos a partir da sua leitura, articuladora de muitas vozes para melhor dar conta da complexidade vergiliana.

Os caminhos críticos

Atento à complexidade presente na obra de Vergílio Ferreira, José Rodrigues assinala um caminho voltado à interpretação, mais do que à análise, dentro de pressupostos hermenêuticos, mas muito mais para

nomear sua própria metodologia, que vai além dos meros trâmites formais de uma abordagem conservadora justamente para poder dar conta da multiplicidade do autor. Assim, ele nos diz que:

Uma obra assim “pede” muito mais interpretação do que análise, porque se mostra francamente aberta a diferentes leituras, desejando-se múltipla e amplíssima metáfora artística que permitisse, a um tempo, a fruição do romanesco e do poético, do pictórico e do musical, do lírico e do trágico, do sublime e do grotesco... Obra assim — que reiteradamente privilegiou em cada livro uma estrutura circular em que o final retoma o início na representação de um movimento infinito, que pode ser cósmico, ou musical, ou poético ou o da vida que se repete ou renova para além de cada que viveu —, obra assim exige um caminho de compreensão que lhe seja análogo, em que todas as intuições, abstrações e acasos possam ser considerados. Uma leitura circular, espiralada, em volteios que permitam conhecer, compreender, interpretar, complementar estabelecendo com o texto em estudo um diálogo franco, intenso, que não despreze forma alguma de inquirição ou perquirição do sentido buscado na obra. Uma leitura hermenêutica, se for indispensável que se nomeie um método ou obrigatoriamente se deva ter um (PAIVA, 2007, p. 25).

Por mais que ocorra o diálogo com outros contribuintes da fortuna crítica vergiliana a necessidade de romper a “cerca teórica” ainda arraigada ao mero formalismo-estruturalista das primeiras análises (principalmente as empreendidas ao longo dos anos 70 aqui no Brasil) ou dos estudos que remetiam à narratologia dos anos posteriores. Tão plural quanto a obra do romancista português é a interpretação dada por José Rodrigues de Paiva que adquire traços muito pessoais ao ponto de inspirar “As palavras e os dias”, que acaba tornando-se o próprio “diário” da tese escrita. É quando a ligação entre o *intérprete* e o *interpretado* assume outras formas e, apesar do rigor exigido pela Academia, acompanha o ritmo de Vergílio. Daí, lembro uma citação de Walter Benjamin, em “Trabalho das passagens”, na qual

ele diz que “Escrever histórias significa dar fisionomia às datas”. Também interpretar significa dar novas fisionomias àquilo que lemos e encontraremos por meio delas o que está escondido nas entrelinhas. Em sua dicção particular, José Rodrigues de Paiva nos traz uma fluência diferente ao texto acadêmico, que na maioria das vezes assume uma dureza que expulsa as reticências em sua intenção de ser peremptório.

O que poderia se configurar como meras citações, dessas tão exigidas no afã do trabalho acadêmico, torna-se convites à coparticipação: assim temos as categorizações de *A poética do espaço*, de Gaston Bachelard estabelecendo pontes não somente com o texto vergiliano, mas também com o próprio texto do intérprete, alcançando suas altitudes e adentrando nas imagens desdobradas a partir das páginas dos romances estudados. Para adentrar no espaço romanesco de Vergílio Ferreira não basta apenas munir-se das ferramentas teóricas, José Rodrigues vai além e (a exemplo do romancista) cria um espaço especular no qual é executada a interpretação. É preciso estar familiarizado com os labirintos, prisões e exílios pelos quais se movimentam as personagens dos romances posteriores ao rompimento com o neorrealismo lusitano, quando Vergílio finalmente empreende seu projeto estético-literário pessoal, indo contra a corrente vigente, almejando a compreensão do humano por outras instâncias.

Assim, não somente seguir atento a cada simbologia fundada, mas à potência de se escrever sobre elas, sendo que tal potência corresponde diretamente à capacidade de manter-se *pari passu*, como define bem João Alexandre Barbosa:

O ensaio literário é, antes de mais nada, uma forma de indagação perseguida por entre ideias, palavras, estruturas. Saber ler a contradição por sob as afirmações mais evidentes, valorizar elementos aparentemente dispersos, configurar

numa página o sentido oculto de uma descoberta, são algumas das diretivas do ensaio literário. E todo esse jogo da inteligência requer muito mais do que simples erudição ou virtuosismo verbal: funda-se no equilíbrio mas ultrapassado pela sugestão. Por isso mesmo, há uma imprescindível dialética intrínseca do ensaio que lhe comunica o que se poderia chamar de tendência à superação. É esta dialética que confere ao gênero o seu vigor, a sua resistência ao levianamente afirmativo ou negativo. A sua órbita é antes a da caça ao objeto, sem a qual o arranjo verbal ou ideológico resseca na fonte, transformado em informação pura e simples. Não se escreve ensaio sobre aquilo que não preocupa sob a forma de matéria viva, operante, capaz de germinar ideias, exigir elucidações (BARBOSA, 1980, p. 95).

Lado a lado, mas justamente porque sabe-se que é impossível ultrapassar o limite: a autonomia do ensaio depende diretamente da linguagem. O sentido *especular* da obra de José Rodrigues reflete sua empatia e sua afinidade com a linguagem vergiliana e tal aproximação é o que vai preservar a interpretação de um sem que ocorra uma “dissecação” do outro. Essa exigência, muito positivista a propósito, de uma extrapolação dos sentidos em prol de um “recorte científico” não cabe na crítica, pois é algo inalcançável. A linguagem literária e, por extensão, a ensaística não pode se prover de “lâminas” e “intenções microscópicas” como em laboratórios. O propósito crítico tem outra finalidade, como observa Giorgio Agamben:

Assim como toda autêntica *quête* [busca], a *quête* da crítica não consiste em reencontrar o próprio objeto, mas em garantir as condições da sua inacessibilidade (AGAMBEN, 2012, p. 11).

Tal *inacessibilidade*, mesmo em um esquema de uma voz que está sempre em consonância com uma outra, mas não como um coral em uníssono e sim em compassos harmônicos, obedece àquilo que João Alexandre Barbosa definiu como *intervalo*: porém, dentro da

esquematisação que se dispõe como texto crítico aproxima-se da realidade interna da obra sem maculá-la, guardando todas as esferas que compõem o texto ficcional sem a intenção de colocá-la como mero retrato da realidade. A busca empreendida por José Rodrigues pelos símbolos dispostos por Vergílio Ferreira não se perde em vão nos labirintos que o romancista coloca suas personagens, há o foi da meada como um Teseu que adentra para encontrar Ariadne e ao contrário do mito não é preciso matar o Minotauro que, talvez, como imagina Jorge Luis Borges (em *A casa de Astérion*, conto de *O Aleph*), o esperasse como um salvador. Obviamente que não há o que se salvar e José Rodrigues sabe disso. Não é pela recuperação, mas pelo destaque que se dá a signos e atmosferas, personas e espaços. Com isso as lacunas, nunca totalmente preenchidas, são devidamente compreendidas pelo que está transitando entre elas. Como escreve João Alexandre Barbosa:

O intervalo, portanto, não é um vazio: é antes aquele tempo/espaço em que a literatura se afirma como literatura sendo sempre mais do que literatura porque apontando para esferas do conhecimento a partir das quais o signo literário alcança a representação. Deste modo, a leitura do intervalo o que, na verdade, almeja é uma apreensão dos significados pela via de sua tradução literária, o que significa dizer que, neste caso, não há um antes ou um depois: o histórico, o social e o psicológico, no poema ou no romance, é literatura e, sendo assim, caminha-se em direção de uma aglutinação. Não mais literatura e mas literatura/história, literatura/sociedade, etc. (BARBOSA,1990, p. 11-12).

Tal estratégia serve para repelir uma ideia que equivocadamente ficou atrelada à obra de Vergílio Ferreira, principalmente por conta de leituras estruturalistas, e um pouco pela distância que este tomou do movimento neorrealista português, de que ela estava divorciada da realidade por não apresentar aquele engajamento tão pedido, sobretudo

nos anos de 1960. Nada mais irreal, uma vez que em vários escritos teóricos seus, como nos volumes de *Espaço do invisível*, por exemplo, Vergílio Ferreira defendeu o papel humanista dos escritores e seu compromisso com a realidade. Embora não imprima aos seus romances um caráter histórico nem por isso constitui-se como a-histórico. E tudo isso está naquele espaço lacunar onde se esconde o que não é óbvio aos olhos de leitores menos treinados.

Apontar a experiência clássica do tempo — cíclica, circular —, e de como ela vai se articular com os outros elementos da narrativa vergiliana e recuperando seu caráter histórico, sem deixar de lado o trabalho da linguagem empreendido pelo autor. Que vai se constituir em *um único livro*, por assim dizer, em um experimento romanesco vasto cujas mudanças e “repetições” em sua essência corresponderão a barreiras ultrapassadas e desdobramentos que constroem e reconstroem mundos inóspitos por onde se movimenta o homem:

Vergílio Ferreira é o romancista da constante e essencial mudança das coisas. Não obstante é também o romancista que deseja representar a sensibilidade de um homem permanentemente mergulhado em angústia, o que significaria dizer que, para ele, na transitoriedade ou na constante mutação a que todas as coisas estão sujeitas a angústia é um elemento permanente. Escrevendo “sempre o mesmo livro” que é o da sua arquetípica personagem — o do homem angustiado e sem esperanças de transcendência a não ser a que pode ser alcançada pela sua própria criação, na reinvenção artística do mundo em que se encontra abandonado —, [...] (PAIVA, 2007, p. 41-42).

A escolha de José Rodrigues, em sua tese, por um caminho de limites para além, até chegar à última fronteira muito mais do que uma simples enumeração de elementos, como já dissemos dialoga, como em um espelho, com o próprio esquema dos romances vergilianos. Porque cada obra de Vergílio Ferreira, em sua configuração circular, aponta

para caminhos nos quais os finais estão curiosamente roçando essa fronteira. Desta forma teremos, segundo José Rodrigues, os romances do “Caminho para lá”, que abarca desde *Mudança* até *Signo sinal*, que inclui a *trilogia existencialista* (Aparição, Estrela Polar e Alegria breve). Em tais romances, segundo ele, observamos desde o seu afastamento do panorama neorrealista, o que configura sua *mudança*, mas um processo repleto de modificações e permanências; na chamada *trilogia existencialista*, a problemática do *eu* e do *outro*, finalmente chegando à (des) construção do mundo e do romance. O passo seguinte foi debruçar-se no “romance síntese” no qual constitui-se, ao seu ver, “Para sempre”. “Local” onde se encontram todos os “lugares” dos romances predecessores, “Para sempre” é um marco e uma fronteira, mas também não um final, porque as obras que lhe sucederam apresentam-se “livres” do peso da obsessão de fazerem parte do *Livro*. Assim:

Restaria, afinal, dizer que em *Para sempre* Vergílio Ferreira encontrou a *palavra* longamente procurada, alcançando enfim a linguagem essencial, a que era a sua, a que constituía o seu modo profundo de ser romancista. O *Verbo* genesíaco com que recriou o seu mundo, a sua existência, o seu ser em essência. Não importa que para isso se tenha repetido até à incompreensão dos outros. Porque o que este romance significa, é, afinal, o resultado de um longo trabalho de depuração, como num processo de “decantação” que fizesse desaparecer eventuais impurezas, submersas nas sombras da profundidade e da distância, restando o vinho com a qualidade desejada. Finalmente, e para sempre, todo o “já dito” por Vergílio Ferreira ao longo da sua construção romanesca “se encontra agora no lugar certo”. Como na epígrafe do romance: “A vida inteira para dizer uma palavra!”. Este encontro do escritor com a expressão a vida inteira procurada, justifica, não obstante o predominante traço de nostalgia na narrativa, uma melancolia de fim, a sua alegria na escrita. Alegria por vezes até aparentemente excessiva, como o manifestam diversas passagens do diário, mas compreensível e perfeitamente natural, porque o escritor, tendo a consciência de o *que* escreveu, a tem também de

como escreveu e sobretudo a tem quanto aos resultados dessa escrita (PAIVA, 2007, p. 306-307).

O “feixe” que “Para sempre” acaba se tornando, é esclarecedor de toda obra romanesca de Vergílio até então, seu cuidado com a multiplicidade de signos, aquilo que Merleau-Ponty diz da literatura como “filosofia do sensível”, dada não somente à coordenação de elementos como as Artes Plásticas, a Música e a própria Literatura, mas de como elas coparticipam das angústias e anseios humanos, quase sempre em espaços isolados onde, nos quais, é quase impossível entrar ou sair. A fronteira ficcional estabelecida por Vergílio Ferreira e interpretada por José Rodrigues de Paiva funciona como uma exegese de todas as palavras, de todas as artes, humanidades, regressos e tempos. O que vem no “mais-além” (e José Rodrigues enumera *Até o fim*, *Em nome da terra*, *Na tua face* e *Cartas a Sandra*) é a identificação nos diários de Vergílio Ferreira, já em *Até o fim*, que, apesar de trazer elementos novos, ainda apresenta marcas textuais evidentes de seus outros romances:

Claramente se percebe a intenção renovadora na composição romanesca alimentada pelo escritor com relação a este seu novo romance. É possível que tal intenção apontasse para o desejo de abrir com ele um novo ciclo ficcional ou uma nova fase no seu conjunto de romances, o que decerto se lhe impunha depois da síntese ou sùmula alcançada com alto grau de perfeição em *Para sempre*. Mas a leitura da nova obra indicará que, não obstante a introdução de alguns elementos novos, persistem no livro — sobretudo na sua estruturação — os traços já conhecidos como “constantes”, no seu processo de construção romanesca. Assim, *Até o fim* continuará, ainda o “método” de renovar repetindo, “a dialética” da modificação na permanência (PAIVA, 2007, p. 498).

Contudo, os elementos novos não passam despercebidos, mas não como tentativas desastradas de uma mudança de dicção em meio a

uma obra já consolidada, mas sim frutos de um trabalho constante da linguagem dentro de uma arquitetura textual bem definida, de uma mitologia e espaços peculiares, aparecendo como uma renovação que mais agrega do que subtrai:

Quanto aos elementos novos (embora nem todos absolutamente novos) é de notar, inicialmente, a intensificação da ironia associada a uma mudança de *tom* agora mais seco, marcado por uma certa aspereza de frases curtas, incisivas, num discurso “coloquial, pretensamente” espontâneo, como muito bem observou Fernanda Botelho — , caracterizado por “frases frequentemente incompletas, entrecortadas, com retrocessos, repetições, interrupções estratégicas [...] em que a sintaxe é, por vezes, (deliberadamente), pouco respeitada”. Também o aprofundamento da temática da droga (já levantada em *Para sempre*, a propósito dos hábitos da filha de Paulo). Em *Até o fim*, este constituirá mesmo um tema nuclear (ou importante subtema), tal como o da violência urbana elevada a ação terrorista e que vem ser responsável pela morte de Miguel, único filho de Cláudio, o protagonista, morte que se constitui na situação-limite centralizadora da diegese (PAIVA, 2007, p. 499).

Entretanto, por mais que as obras posteriores a *Para sempre* tenham sua importância dentro do conjunto dos romances de Vergílio Ferreira, nenhum mais se situa dentro de suas fronteiras, seja em elementos temáticos ou repetição de espaços ou a presença daquela *arquipersonagem* característica de seu projeto estético. José Rodrigues de Paiva anota, com propriedade que, à semelhança da individualidade de seus romances, o projeto estético vergiliano também se processa em ciclos, mas sendo *Para sempre* a “última fronteira”, o mais além corresponderia a algo que funcionaria como a cabeça de Oroboros, provocando o retorno à origem da mudança. Para Rodrigues de Paiva o romance que representa isso é *Cartas à Sandra*:

Cartas à Sandra veio “saldar” *Para sempre*, iluminar algumas questões deixadas em obscuridade no romance, revelar muito

do que não fora dito, fazer justiça ao que ali parecera e efetivamente fora extremamente injusto. Neste aspecto, a “correção” do pensamento de Xana com relação ao pai. Em *Para sempre*, uma Xana adolescente e rebelde, sempre em choque com os pais e particularmente com Paulo, de quem desprezava e ridicularizava a sua relação com os livros, vem finalmente, já amadurecida, reconhecer que fora injusta e agressiva na sua rebeldia, e redime-se reconhecendo o valor literário das cartas que seu pai escrevera à mulher morta. E mais do que isso, insere-se no livro do pai, assumindo as funções de “editora” e escrevendo a “Apresentação” em que narra a história de amor de Paulo e Sandra e justifica a publicação das cartas. Assim se redime, também (e corrige), a convicção cruel da *arquipersonagem* vergiliana de que os filhos só são dois pais quando crianças, de que todo o pai tem um filho mas nenhum filho tem pais. A atitude de Sandra vem corrigir essa visão cruel das relações entre pais e filhos, e, depois do amor carnal de Paulo por Sandra alçado à perfeição cósmica no encontro amoroso da montanha, a perfeição completa-se com o gesto de compreensão e de reconciliação de Xana. Tudo estava perfeito, então, e valera a pena escrever aquelas cartas (uma outra forma de elegia) para quem as já não poderia ler, e morrer subitamente, quando estava prestes a concluir a última. O círculo fechava-se assim, para que a perfeição existisse (PAIVA, 2007, p. 659-660).

A autorreflexividade proporcionada pelo romance se intensifica, dentro da obra vergiliana, por conta das discussões fenomenológica-existenciais que abarcam as questões da efemeridade, a consciência do existir e das lutas do *Eu* com o mundo e a linguagem e de como dar conta de todos os conflitos. Vergílio Ferreira deu conta, em sua arquitetura textual e em seu projeto literário com extraordinária coerência, alcançando o *status* de *filosofia do sensível*, quando a Literatura alcança seus maiores cumes.

Conclusão

O corpo foi uma das grandes obsessões vergilianas: a fenomenologia da percepção das coisas e dos seres, tomada emprestada a Maurice Merleau-Ponty, permeia sua obra de forma transfigurada. Cada obra trabalha de modo a superlativar cada uma dessas percepções. Como um corpo.

O trabalho crítico de José Rodrigues de Paiva, principalmente a sua tese, compreende essa multiplicidade feita unidade e o seu trabalho interpretativo leva em consideração que os romances vergilianos acabam constituindo-se em um corpo feito de vários corpos e na disposição de suas análises a referência constante feita por ele da importância de cada romance sobre o outro é como observar a interação destes corpos de forma a se integrar em um corpo maior.

Cada obra é uma miríade de percepções particulares, regressos, mudanças, pregnâncias, mas a interligação delas em um projeto, deliberado ou não, de um *Livro* ou pelo menos de um *corpo glorioso*, de vozes a se remexer perpetuando suas mensagens. Fazendo de sua interpretação espelho, José Rodrigues nos traz cada faceta desses corpos, deste *Livro* maior. A devoção que o trabalho crítico exige denota também a generosidade entre vozes que buscam a consonância em lados tão dissonantes quanto o daquele que oferece múltiplos significados para oferecer enigmas e daquele que busca decifrá-los sem provocar uma mácula, oriunda de uma pretensão decodificadora e puramente iconoclasta.

Como um corpo, a obra vergiliana está sempre, em sua perenidade, oferecendo seus significados para interligar-se, neste éter

no qual a Arte acaba se tornando, a outras vozes, multiplicando-se em seus enigmas e decifrações. E na contramão das leituras que se pretendem definitivas, a crítica de José Rodrigues de Paiva estabelece pontes para que outrem, interessados em coparticipar das significações propostas por Vergílio Ferreira também compreendam essas percepções e esses entes. Não é o fato de deixar lacunas em suas interpretações, mas a partir das interpretações apontar outras esfinges presentes nos romances vergilianos dispostas a desafiar os caminantes que estão a passar pelas encruzilhadas dos caminhos que são a essência do trabalho de crítica, interpretação e análise.

Com certeza José Rodrigues é dos maiores, senão o maior contribuinte da fortuna crítica do romancista português, e isso se deu pela compreensão e devoção ao conteúdo esfíngico de tantos corpos, pelo trabalho árduo de colocar a obra de Vergílio Ferreira em destaque, que é o seu verdadeiro lugar dentro da literatura portuguesa.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Estâncias* — a palavra e o fantasma na cultura ocidental. Tradução de Selvino José Assman. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.

BARBOSA, João Alexandre. “Ensaio de historiografia literária brasileira”. In: *Opus60: ensaios de crítica*. São Paulo: Duas Cidades, 1980.

_____. “Prefácio”. In: *A leitura do intervalo: ensaios de crítica*. São Paulo: Iluminuras e Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

PAIVA, José Rodrigues de. *Vergílio Ferreira: Para sempre*, romance-síntese e última fronteira de um território ficcional. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

Recebido em 04/05/2016. Aprovado em 08/05/2016.